

DA TEORIA À PRÁTICA: AS (IN)CERTEZAS DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA SALA DE AULA

DIAS, Julianne Brião (autora)
diasjulianne@hotmail.com
LOBATO, Alexandra (coautora)

MACHADO, Rosely Diniz da Silva (orientadora)
Evento: Seminário de Ensino
Área do conhecimento: Linguística

Palavras-chave: língua, ensino, leitura e escrita.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa relatar uma experiência de observação de uma aula de língua materna, a fim de analisar qual o espaço destinado à prática de escrita em sala de aula. Por meio da nossa participação no projeto PIBID de Língua Portuguesa e da oportunidade que nos foi dada para conhecermos algumas escolas, a fim de realizarmos um trabalho para a disciplina de Estudo do Texto, tivemos a oportunidade de vivenciar como se dá a prática de ensino de Língua Portuguesa, já que, durante o curso de Letras, refletimos sobre a necessidade de se aliar a teoria à prática de ensino e isso, sem dúvida, constitui-se num dos desafios para, nós, futuros professores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com os PCNs, o ensino de língua materna deve contribuir para que o aluno adquira domínio de linguagem que o auxilie nas mais diversas situações e que tenha conhecimento das variações, mas que saiba adequar a linguagem ao contexto. Desse modo, acreditamos que os alunos devem ter acesso aos mais diferenciados gêneros e estilos e é preciso que se entendam como sujeitos principais da sua trajetória de ensino. *Conforme* afirma o PCN de Língua Portuguesa, o aluno irá adquirir a habilidade de organizar o *discurso* de forma adequada, apropriando-se da linguagem e, para tanto, devem-se considerar as especificidades das situações de comunicação, como os gêneros nos quais os discursos se organizam, as finalidades colocadas, ou ainda os possíveis conhecimentos compartilhados e não compartilhados pelos interlocutores.

Com base na perspectiva da Linguística Textual, muitos autores como: Costa Val (2006), Antunes (2005/2007), Marcuschi (2003), Bagno (1999), entre outros, são unânimes em afirmar que se há alguém que escreve é para ser lido, portanto, escrever intenciona sempre uma interlocução com o outro e daí que tal prática deve se fazer presente dentro e fora da sala de aula, de tal modo que potencialize o investimento na(s) possibilidade(s) de dizer, aliás, ter o que dizer, a quem dizer e como dizer. Nisso consiste a importância da leitura, da escrita e da reescrita na escola, enfim, não restam dúvidas de que tudo isso não pode ficar de fora da sala se aula, pelo menos, não deveria.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

Através de nossas experiências e leituras teóricas, enquanto professores em formação, procuramos maneiras de integrar o texto, a reflexão e a escrita através do contato com alunos da nossa rede de escolas. Desse modo, buscamos assistir a uma aula de Língua portuguesa numa escola riograndina, a fim de atender a proposta da disciplina de Estudo do Texto, no 1º ano do Curso de Letras. Tínhamos que observar uma aula ministrada pela professora regente, para após, podermos analisar como foi o procedimento de solicitação da atividade de escrita proposta, o encaminhamento e as orientações dadas aos alunos. Terminada a aula, tiramos cópias dos textos originais, com a autorização da escola, a fim de escolhermos dois deles para proceder uma análise linguística do material, com base na teoria estudada por nós, durante o ano letivo.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

As dificuldades são muitas, entre elas a insegurança e resistência dos alunos a escreverem. Um dos problemas é que temem “errar”, já que seu *leitor/corretor* é o professor. Leitura, reflexão, escrita e reescrita deveriam fazer parte do cotidiano da sala de aula. Quanto à proposta de reescrita, ela é o caminho para a reflexão, a autoavaliação e, conseqüentemente, a melhora incontestável do aluno no que se refere à produção de textos, além do incentivo à leitura de diferentes gêneros textuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a prática quanto a teoria são fundamentalmente importantes para um processo de ensino/aprendizagem adequado, mediado com comprometimento e conhecimento. É preciso enxergar que há aspectos positivos a serem considerados no processo de ensino/aprendizagem, pois, não raramente, somos surpreendidos por alunos capazes de nos encantarem com suas produções textuais.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BUNZEN, Clécio & MENDONÇA, M. (Org.); Ângela Kleiman... (et al.) *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série*. Brasília: SEF/MEC, 1997.
- COSTA VAL, M. G. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dioniso, A.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (orgs.). *Gêneros Textuais e ensino*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p.19-36, 2003.